

FOLIA DA TERRA

O piá, a onça e o jequitibá

Estripulia musical em dois atos, um prólogo e uma Folia de Reis

Luiz Carlos Laranjeiras

Teatro musical brasileiro para a infância e a juventude

1º lugar – Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2008
Concurso Nacional CEPETIN de Dramaturgia
CEPETIN – Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil – RJ.

2008



www.teatronaescola.com

Dedico essa peça, um acalanto em forma de teatro musical, ao amado filho Thiago “Mairum” Arruda Ribeiro dos Santos, luz, guia e parceiro de canções, violas, rios, mares, luas e estradas, companheiro de lutas, de palco e encantamento, poeta violeiro brincante do coração latino-americano, minha eterna inspiração, por me ensinar todo dia a olhar com curiosidade e espanto as coisas visíveis e ocultas do grande livro do mundo.

Agradecimentos

À vovó Enedina, mãe Caçula, pelo amor, as estórias e por me ensinar a ser um guerreiro, aos meus pais, Edi e Derneval, às tias queridas, Francisca, Elizete, Doró e Neinha, pelo carinho, o chão e a comida, e à tia-vó Noca, campista papa-goiabada, pelos causos junto ao fogão de lenha à noite na roça.

Aos tios Mário Varetto, Isaac Moreira, Eraldo, Ernani, Ceniro e Mário Costa, pela amizade de todas as horas e aos irmãos e primos, Ronaldo, Aguinaldo, César, Márcio, Rosana, Renata, Tatiana, Jorge, Edson, Bigu, Lúcia, Everaldo, Ederval, Marcelo, Helena e Cláudio, pelas estripulias e as brincadeiras nas ruas do Rio de Janeiro. Aos sobrinhos Renan, Mateus, Gabriela, Vítor, Luana, Raquel, Luísa, Caio, Bruna, Vinícius, Benjamim, Iandara, João Vítor, Alessandra, Richard, Rayane, Hudson, Alan e João Pedro.

À Silvana Arruda, pela luz nos meus caminhos, Carolina, Flora, Vavá e à Dona Lola, seu Aristides, Kátia, Geysa e toda a família Arruda.

Aos compadres da turma “caipiracicabana” do seu Tibúrcio, Antônio Chapéu, Márcio Abegão, Bruno Agulhari, Barbosa Neto, Charles Mariano, Maria Trevisan, Jonathas Beck, Domingos de Salvi e Luiza Vaz, meus amados gaiatos brincantes do Andaime Teatro/SP, pelas presepedas, estripulias, patacoadas cornelianas, gaiatices, folias, cheganças e andanças pelos palcos e ruas desse mundão chamado Brasil.

Aos artistas e amigos Renato Anesi, Fábio Atorino, Pedrão do Maranhão, Fred Maia, Marco Morales, Tião Carvalho, Beth Brait Alvim, Gabriela dos Reis, Eduardo Eloy, Flávio Império, Alair Gomes, Paulo Leminsky, Hélio Oiticica, Dra. Nise da Silveira, Marília Rodrigues e Escolinha de Arte do Brasil/RJ, Anamélia Lopes Bastos e FAOP/MG, Ilo Krugli e Vento Forte/SP, Rosa Comporte, Edilson Castanheira, Fátima Campidelli, Paulo da Rosa, Márcia Fernandes, Márcia Cabral, Toninho Carrasqueira, José Marcos Bueno, Ruy Weber, Maria do Carmo, Marta Ozetti, Laurent Matallia, Ana Maria Carvalho, Edgar Lippo, Selma Bustamante, Luri de Almeida, Mônica e Renato Vidal, Luciana Coin, Paulo César Brito, Thaya Perez, Graziela Rodrigues, João Poletto, Lena Sá, Ronaldo Mota, Sílvia Aderne e Hombu/RJ, Teuda Bara, Chico Pelúcio e Galpão/MG, Marta Nassar, Júlia, Thiago, Ramiro e Artur Cidrim, Léo Dok, Betânia e José Gallas, Gigi Manfrinatto, Kalena, Adilson Ruiz, Leopoldo Nunes, Flávio Frederico, Letícia Sabatela, Carlos Augusto Nazareth e CEPETIN/RJ, Rosalina Santa Cruz, Sílvia Trivelatto Frateschi, Hercília Tavares de Miranda, Maria Alice Machado, Marcelo Perine, Zuleide Flora de Medeiros, Leilane Sauerborn, Rhena de Faria, Liana Mateus, Edson e Sumaya Mattar, Révero Ribeiro e Jabuti/SC, Ive Luna e Cravo da Terra/SC, Rafael Menta, Rafael Verona, Jonas e Tiago Mine, Flávia Telles, Jaqueline Oliveira, Renato Macedo, Nicole Fidalgo, Teatro do Mundo/SP, Teatro da Roda Dança/Palco e Rua/SP, Felipe de Menezes, Vânia Lima e Forfé/SP, João Acaiabe, Luis Carlos Bahia, Amaury Alvarez, Analy Alvarez, Luis Serra, Fausto Fuser, José Geraldo Rocha, Salamandra/SP, Naloana Lima, Naruna Lima, Mário Pazinni e Clariô/SP, Luiz Domingues, Cláudio Savietto, Farândola Trupe/SP, Teatro da Cadela Manca/PR, Viviane de Macedo, Deo Lopes, Éder dos Anjos, Luiz Figueiredo, Mariana Muniz, Alexandre Mate, Cláudio Mendel e Teatro da Cidade/SP, Marcília e Reinaldo Santiago, Bri Fiocca, Walter Portella, Fernando Bezerra, Beto Magnani, Cibele Troyano, Valquíria Vieira, Robert e Sheyla Coelho, Paco Abreu, Luiz Amorim, Gabriela Rabelo, Robson Raga, Alexandre Melinsky, Gilda Vandenbrande, Antônio Ghigoneto, Marcos Cardelíquio, Antônio de Andrade, Lúcia Capuani, Will Damas, Antônio do Vale, Tin Urbinatti, Marco Antônio Rodrigues, Patrícia Leonardelli, Antônio Januzelli, Celso Favaretto, Adriana Siqueira, Aline Saporito, Ronaldo Bastos, Chacal, Ana Maria Machado, Jabaculê/SP, Coligação Peixes/SP, Faz de Conta/SP, Rodamoinho/SP, Brincanti/SP, Deca Madureira e Brasília/SP, Ana Araújo, Ricardo Boaventura, Sílvia e família, Ângela, Carlos e família Paz e a todos os parceiros de luta e companheiros de palco e encantamento.

Aos professores Hélio Salles Gentil, Plínio Junqueira Smith, Floriano Jonas César, Yolanda Glória G. Muñoz, Alberto Ribeiro Barros, Lúcio Prado, Mário Gonzáles Porta, Jorge Almeida, Débora Cristina Morato, Ernesto Giusti e André Fuhurmann, pelo auxílio precioso nos primeiros passos deste autor e ator doado à Filosofia. Ao professor Ernani Soares de Paulo, aos professores, funcionários e alunos do Colégio Marco Polo/SP.

PERSONAGENS

BENTO CRAVO – músico; violão e canto; mestre da Folia de Reis.

DITO BRAVO – músico; viola e canto.

DOMINGOS

FRANCISCO

JOAQUIM

ISABEL

DITA

PISADEIRA – assombração; atriz.

PORCA-DOS-SETE-LEITÕES – assombração, solta fogo pelas ventas; atriz acompanhada de bonecos (os sete leitõezinhos).

ONÇA-MANETA – assombração; ator.

PÉ-DE-GARRAFA – assombração; ator.

GORJALA – assombração, gigante de três metros; ator com perna-de-pau.

MENINO/PIÁ

FOLIÕES 1 – brincantes do bumba-meu-boi.

ESPECTROS (2) – figuras da noite.

ONÇA MALHADA – personagem/boneco/objeto manipulado por três atores; figura grande dividida e animada em partes, com movimentos feitos pelos atores por meio de varas e/ou manipulação direta do corpo do personagem; pode usar uma roupa/objeto/boneco/personagem, um “parangolé”, para a figura grandiosa e assustadora; a onça malhada tem uns dois metros e carrega sementes e grãos em sua pança.

FOLIÕES 2 – brincantes da Folia de Reis.

FESTEIRO – figura da Folia de Reis; festeiro antigo.

PALHAÇO PINGA FOGO – figura da Folia de Reis.

MÚSICOS * (4) – violão, Bento Cravo, viola, Dito Bravo, mais dois músicos, sendo um para flauta e outros sopros e um para percussão em geral; canto e música ao vivo.

** Os músicos ficam num praticável lateral, no mesmo plano do palco, de onde tocam as músicas e os temas vocais e instrumentais e fazem as interferências sonoras na tessitura da intriga.*

** Os “acentos musicais” apontados nas rubricas são intervenções musicais, “comentários” sonoros, cômicos e/ou dramáticos, dos músicos numa cena, fala, ação ou situação.*

** As ASSOMBRAÇÕES, são as “coisas” e os bichos esquisitos da mata, feitos pelos atores com panos, objetos, máscaras, bonecos, adereços, transparências, etc., que dançam e se movimentam, atravessam de um lado ao outro, no ritmo lento, misterioso e dramático da música CRUZ CREDO! tambor-de-mina com atabaques e guitarra. Se o espaço de representação permitir, os atores podem usar os recursos cênicos do fogo. As assombrações, monstros e feras da mata que dançam e passam são a PISADEIRA, a PORCA-DOS-SETE-LEITÕES, a ONÇA-MANETA, o PÉ-DE-GARRAFA, o gigante GORJALA e a ONÇA MALHADA, de acordo com a ordem de aparição.*

MÚSICAS *

SAUDAÇÃO – repente, martelo “miudinho”, vocal e instrumental.

RIBALTA – baião, vocal e instrumental, “sinfonia sertaneja”, “sinfonia caipira”, com objetos da roça, enxadas, ancinhos, foices, facões, pilão, etc.

CRUZ CREDO! – tambor-de-mina, com guitarra pesada; instrumental.

VENTO – bumba-meu-boi, boi-de-orquestra, vocal e instrumental.

OCO – samba-de-roda, vocal e instrumental, com pratos, talheres e frigideiras.

TEM ONÇA NO JEQUITIBÁ – samba instrumental, com cuíca, tambor-onça e surdo.

PANÇA – maracatu, instrumental.

FOLIA DE REIS DA VILA DE DEUS MENINO – Folia de Reis, vocal e instrumental.

FOLIA DA TERRA – xote, vocal e instrumental.

** Letras e músicas do autor.*

PRÓLOGO

Três toques longos de berrante na coxia. Começa SAUDAÇÃO, martelo “miudinho”, instrumental, ouvido de longe, com violão e viola. As luzes abrem claras, como numa manhã tropical, num roçado seco com um jequitibá no fundo, caixotes, bacias, pilões, enxadas, foices, facões, ancinhos, machados, serrotes, peneiras, bateias e objetos da roça e um lençol branco estendido no varal na frente do jequitibá. Entram BENTO CRAVO, no violão, e DITO BRAVO, na viola, tocando o martelo, com os rostos semi-escondidos pelos chapéus. Suas falas são quase cantos, são “diálogos cantados” ou “cantos dialogados” e eles conversam e se desafiam também com o violão e a viola. Enquanto Dito sola na viola, Bento faz a base no violão e vice-versa.

BENTO CRAVO *(ao público)* – Tenho gosto e vocação por duas coisas no mundo, o violão e a estrada. Sem isso minha vida não é fecunda, não é nada. Se não fosse caminhoneiro ou repentista, a vida seria uma falsa pista, uma armadilha, um erro. Juntei a estrada e a canção e fiz meu destino, minha sina, meu enredo.
(faz um solo no violão, desafiando Dito)

DITO BRAVO *(responde com um solo de viola e fala)* – Ele é o Bento Cravo, sujeito sem medo, que canta os repentes da roda dança do mundo. Eu sou o Dito Bravo, sujeito do folguedo, que dança de repente na roda viva do submundo.
(mais um solo de viola, desafiador)

BENTO CRAVO *(solo de violão como resposta)* – Bento Cravo do repente ao seu dispor, pronto pra qualquer rima e qualquer estrada, mesmo que seja rimando amor com dor ou levando carga pesada. *(os dois riem e cantam o martelo como um “diálogo cantado”)*

DITO BRAVO – Se digo que sou profeta e não me engano.

BENTO CRAVO – Digo que sou poeta e cigano.

DITO BRAVO – Na viola canto o mito, o sagrado e o profano.

BENTO CRAVO – No violão canto o rio, a estrada e o oceano.

DITO BRAVO – Se digo que já cantei cururu pra marciano?

BENTO CRAVO – Digo que o violeiro bravo é maluquinho.

DITO BRAVO – Minha viola conversa com passarinho.

BENTO CRAVO – O mundo precisa de canção, prosa e poesia.

DITO BRAVO – O homem não vive sem dança, roda e cantoria.

BENTO CRAVO *(com Dito)* – E nós saudamos o respeitável público... *(pausa do martelo)* Nesse martelo “miudinho”! *(os dois saúdam o público tirando os chapéus, fazendo mesuras; depois tocam o martelo e falam na pulsação da música)*

BENTO CRAVO – Bento Cravo e Dito Bravo, ao seu dispor. Viemos de longe, muito longe, e vamos contar um caso, um assunto acontecido, um fato. O Dito também tava lá e sabe de tudo. Não é, Dito Bravo?

DITO BRAVO – Quanto suspense e mistério! Nesta vida, quem leva um repentista a sério? Ô Bento Cravo, você é um homem de sorte, já viu a cara da morte e quando conta a sua saga no repente, mostra que é um forte, um sobrevivente.

BENTO CRAVO – Vi a cara da morte, mas não sou um forte. Quem é forte hoje neste mundão, meu irmão? Você já encarou fera na mata? Já viu assombração? *(param de tocar o martelo; silêncio)*

DITO BRAVO *(misterioso)* – Assombração? Alma penada? Bicho peludo? Sei não. Já vi todo tipo de onça, malhada, pintada, preta, parda, rajada, riscada. *(distante)* Lembro de quando vivia na roça. Família grande numa pequena palhoça e, imagine só você, manga, goiaba, café e farinha eram o que tinha pra comer.

BENTO CRAVO – Tempos de precisão e necessidade. Tempo de brincar de ser herói com os pés descalços, brincar de ser mocinho e bandido, de capeta e santo...

DITO BRAVO – Tempo de risos e prantos. Tempo de fome e de heróis sem nome do

Pai, do Filho e do Espírito Santo. *(acento musical, vinheta com solo de viola)*

Entram lavradores, homens e mulheres, pegam as enxadas, foices, facões e machados e batem, juntos e sincronizados, três vezes com os objetos da roça no chão, como o “bastão de Molière”. Depois, usam as enxadas, foices, pilões e objetos como instrumentos de percussão e tocam o baião RIBALTA, “sinfonia sertaneja”, “sinfonia caipira”, cantada por Bento Cravo e Dito Bravo, violão e viola, em “diálogos cantados”.

DITO BRAVO – O palco é o espelho da vida,

É ouvir segredo e ver a briga

Do herói pela donzela.

BENTO CRAVO – É sentir compaixão e medo,

Ir sem destino na estrada,

Cair de cara na terra.

DITO BRAVO – É o choro, a gargalhada,

É pintura e aquarela,

Raio, chuva e trovoada.

BENTO CRAVO – O palco é uma janela,

Um olhar sobre o infinito,

A curva na estrada.

DITO BRAVO – É o riso, o choro, o grito

A luta pelo pão bendito,

Semear o fruto na terra arrasada.

BENTO CRAVO – Vamos abrir a cantoria

E contar um fato.

Conto um, dois, três. *(bis)*

DITO BRAVO – No palco agora a estripulia

Começa no primeiro ato.

Conto quatro, cinco, seis. *(bis)*

BENTO CRAVO – O teatro é ser rei, ser rato,

O fato, a vida num átimo,

Se o herói perde a esperança... Ele balança!

DITO BRAVO – Mas se a causa da luta é o pão e a terra,

O coração do herói acelera

E pronto pra luta ele avança.

TODOS *(cantam)* – O teatro não dá camisa aos descamisados,

Não põe pão na mesa nem comida no prato,

Mas mata a fome e a sede da alma, iáíá...

Com a história do piá, a onça e o jequitibá. *(bis)*

DITO BRAVO *(canta com Bento)* – No rasqueado da viola, no embalo da maré,

Vai começar o caso verdadeiro,

Uma história da terra e do homem brasileiro,

Com cantoria, samba, coco e arrasta-pé. *(bis)*

(os outros continuam a tocar o baião com os objetos; Bento e Dito falam)

BENTO CRAVO – Fica combinado que a partir de agora, o que é, é.

DITO BRAVO – E o que não é não é.

BENTO CRAVO – Na roda dança da vida é tudo assim...

DITO BRAVO – Sem tirar nem pôr.

BENTO CRAVO – Talqualmente a vida é e vó Caçula contou. *(os dois cantam)*

DITO BRAVO – Vamos abrir a cantoria

E contar um fato.

Conto um, dois, três. *(bis)*

BENTO CRAVO – No palco agora a estripulia

Começa no primeiro ato

Conto quatro, cinco, seis. *(bis)*

DITO BRAVO – O teatro é ser rei, ser rato,

O fato, a vida num átimo,

Se o herói vacila e se distrai... Ele cai!

BENTO CRAVO – Mas se a causa da luta é o pão e a terra,

O coração do herói acelera

E pronto pra luta ele vai. *(a “sinfonia caipira” continua)*

DITO BRAVO *(fala na pulsação do baião)* – Histórias, estórias, “istórias” dos povos dos

pés descalços, que dançam a ciranda da água, do ar, do fogo, da terra...

BENTO CRAVO – E das tramas das guerras. O moinho do vento gira o tempo...

DITO BRAVO – Vamos contar um conto de reis sem cobrar um conto de réis!

BENTO CRAVO – A lua já atravessa o céu com o seu manto de estrelas e eu quero

contar um conto encantado.

DITO BRAVO – Um conto de lua ou um conto do azul e encarnado? Ah, já sei, um

conto de espada, macaco, fada e sapo...

BENTO CRAVO – De jabuti, jaguar, arara, quati... Um conto dos povos xavante,

terena, caiapó, tupi! Ou um caso caipira, piraquara, caiçara?

DITO BRAVO – Ou um conto da mata, da Cobra Grande, da noite estrelada?

BENTO CRAVO – O que passou, passou, é passado, entrou pelo bico da ema, saiu

pelo rabo do gato e virou canto do sabiá. Mandou o Rei do Congo que a gente

comece o conto aqui agora já. *(acento musical)* O conto da hora é...

A música cessa, dramática, em três tempos marcados, em que os personagens da roça dão três batidas com seus objetos da roça no chão, no ritmo do baião. Na última batida, eles dão um grito e ficam imóveis num gesto com seus objetos, fixando uma imagem, como numa fotografia, enquanto Bento e Dito falam.

DITO BRAVO *(alto e solene)* – O piá, a onça e o jequitibá! O “causo” acontecido foi tudo assim assim, sem tirar nem pôr, talqualmente a vó Caçula contou.

BENTO CRAVO – Em algum lugar do mundo, em priscas eras...

DITO BRAVO – O quê? Onde? Quando? Em “priscas eras”?

BENTO CRAVO – Muito antigamente... Em alguma página da história do grande livro do mundo, os homens viviam do plantio na roça, seguiam o ciclo das estações do ano e eram protegidos pelos espíritos da terra. *(os lavradores, em gestos e movimentos lentos e marcados, começam a trabalhar com seus objetos)*

DITO BRAVO – Quando trabalhavam o seu pedaço de chão com esforço, derrubavam as árvores pequenas e faziam gravetos para atizar o fogo.

BENTO CRAVO – As grandes árvores, as seculares, eram tratadas com muito respeito e os homens cortavam apenas as ramas mais altas, porque assim falavam e ensinavam os espíritos da mata virgem.

DITO BRAVO – Assim era e assim foi... Até que um dia... *(o baião RIBALTA volta, tocado pelos personagens da roça com seus objetos e no violão e na viola por Bento e Dito; fala na pulsação da música)* Os homens trabalhavam o seu pedacinho de chão, limpavam e preparavam a terra, suando muito com o clarão do dia.

BENTO CRAVO – Nas roças de um rincão no sem fim desse mundão, semente virar fruto era quimera e os homens lutavam pelo pão de cada dia.

As luzes abrem um pouco mais. Bento e Dito saem tocando para a lateral do palco, onde ficam durante a peça para tocar, cantar e fazer as intervenções sonoras na tessitura da trama. A “sinfonia caipira” continua, instrumental, tocada pelos lavradores com os objetos da roça, por Dito e Bento, e faz a passagem do prólogo para o primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

A luz fecha aos poucos no roçado, anunciando a chegada da noite. Um manto azul escuro transparente com estrelas brilhantes é trazido por alguns lavradores e colocado no fundo alto do palco (numa vara, que sobe com o manto da noite), de modo que a noite caia sobre o roçado. DOMINGOS, suado e cansado, para de tocar a música com a enxada, deixando-a no chão, senta num caixote, os outros também param e cada um senta ou faz alguma coisa com os objetos. O violão de Bento e a viola de Dito somem.

JOAQUIM (*sentado num caixote; suspira*) – Pra você ver, compadre Dominginhos, como são as coisas de assombração pros piás... Todo mundo quando chega a noite assim tem medo da cruz e do caveirão do boi na encruzilhada... A molecada lá em casa antes de dormir fica apavorada quando escuta o nome da Pisadeira. (*acento musical e um canto tenebroso no fundo*)

A luz some totalmente. Os lavradores saem assustados e ficam Joaquim, Domingos e Francisco, que acendem lanternas e iluminam seus rostos. Começa a música CRUZ CREDO!, tambor-de-mina maranhense, acompanhado por uma guitarra pesada e dramática. A música pontua a narrativa e toda vez que uma figura assombrada aparece, a guitarra e os tambores crescem. O palco está escuro e os três são iluminados apenas pelas luzes das lanternas em seus rostos. Ora estão longe, ora estão juntos, ora em pé, ora agachados e quando falam a música fica baixa. No fundo, aparecem projetadas no lençol as sombras de uma cruz e uma caveira de boi, iluminadas por um lampião colocado no chão, atrás do lençol, ao pé do jequitibá.

DOMINGOS – O que disse, Nhô Quim?

FRANCISCO – Já vem com conversa de assombração.

JOAQUIM – Nunca ouviu dizer da Pisadeira? (*acento musical e canto tenebroso*)

Aparece no fundo a PISADEIRA, com as unhas grandes. Luzes vermelhas abrem e fecham sobre ela, ora escondida, ora iluminada. Quando as luzes abrem nela, seus gestos são mudados. A figura é amedrontadora e ela algumas vezes canta e grita algo incompreensível com a voz tenebrosa. Os três se juntam e ficam agachados na lateral.

FRANCISCO (*ri, nervoso*) – Deixa de causo, homem.

JOAQUIM (*misterioso*) – Não ouviu falar na mulher magricela como um fiapo de gente, com as unhas e os dedos grandes? Cada unhão tem a Pisadeira. (*acento musical e canto*)

FRANCISCO (*com medo*) – Escutaram alguma coisa?

DOMINGOS – Não sei não, compadre, mas não parece quero-quero?

FRANCISCO – Ou cateto?

JOAQUIM (*assustador*) – É a Pisadeira! (*acento musical; a figura se movimenta no fundo e fica atrás do lençol, projetando sua sombra; se levanta e fala num tom eufórico crescente*) Ela tem os cabelos desarrumados, as perninhas miúdas, o narigão fino, o queixão pontudo, a bocarra torta, a sobrancelha grossa e os olhos faiscantes que nem a brasa do fogo do inferno. (*se agacha*)

FRANCISCO (*sem jeito*) – Acho bom parar por aí...

JOAQUIM (*se levanta e interrompe, misterioso*) – Tá com medo, compadre? Você não é o valentão? Tem medo da Pisadeira? (*acento musical, a figura se movimenta no fundo e fica imóvel num gesto, como sombra*) Se comer muito e dormir deitado de costas, a Pisadeira... (*acento musical e canto*) Entra pelo telhado da casa e se enfia no nosso peito, mexendo e revirando a boca do estômago. (*se agacha*)

DOMINGOS – Pare compadre, que já estou sentindo um enjôo danado com essa conversa de revirar a boca do estômago.

FRANCISCO – Deixe de arrumar “fuá”, homem, com essa história de Pisadeira.

(acento musical e canto no fundo)

DOMINGOS *(assustado)* – Ouviu de novo?

FRANCISCO *(tremendo)* – Quero-quero é que não é, compadre Dominginhos.

DOMINGOS – Nem cateto.

JOAQUIM *(assustador)* – Pois eu digo que é a Pisadeira. *(acento musical, a figura se movimenta no fundo, canta e sai num alvoroço)* Ouviu de novo? *(pausa)* Lá em casa eu e a Dita vigiamos as crianças pra não dormirem de costas depois de comer, porque senão a Pisadeira... *(acento musical e canto)* Embola e revira o estômago e traz pesadelos pra elas.

DOMINGOS *(se levanta)* – E a Porca-dos-Sete-Leitões? *(acento musical e grunhidos)*

Aparece a PORCA-DOS-SETE-LEITÕES no fundo, da mesma maneira que a Pisadeira, ora iluminada pelas luzes vermelhas, ora escondida, ora como sombra no lençol, se movimentando e parando em gestos assustadores. A porca grunhe e solta fogo pelas ventas e é seguida por sete leitõezinhos soltando grunhidos e roncoss, feitos por um tambor-onça, cuíca e com a voz.

FRANCISCO *(assustado)* – Lá vem você também, Domingos, com esses bichos de assombração?

JOAQUIM – A Porca-dos-Sete-Leitões... *(acento musical, a porca ronca e solta fogo pelas ventas)* O ronco dela é forte e estridente e faz um alarido danado com os porquinhos. Diz que ela aparece pra quem gosta de andar pelas estradas à noite e de zanzar à toa de madrugada em volta dos cruzeiros nas praças das cidades.

DOMINGOS *(se agacha e conta, misterioso)* – Vive rodeando as igrejas e as cruzes nos caminhos, com os sete leitõezinhos choramingando atrás da mãe. É uma barulheira só e ela aparece e se esconde sem mais nem menos. É você virar pra ver e a “porcaiada” some e aí param os roncoss e grunhidos de repente.

JOAQUIM – A Dita diz que a Porca-dos-Sete-Leitões... *(acento musical; a porca solta mais fogo e se movimenta no fundo com os leitõezinhos; as luzes piscam sobre ela)* Não é tão malvada assim, porque ela só assusta os homens casados que ficam na rua e chegam altas horas da noite em casa. É só ouvir o berreiro da “porcaiada” na madrugada que os homens correm pra casa com medo. *(a porca sai com os leitões num alarido; os três se levantam juntos, assustados)*

FRANCISCO – Ouviu de novo o alarido, compadre Dominginhos?

DOMINGOS – Parece barulho de irara.

JOAQUIM – Irara? Ficou louco, Domingos? Por acaso você já ouvir falar que aqui tem irara? *(os três se agacham novamente)*

FRANCISCO – Irara não tem aqui nem em nenhum lugar. Não existe.

JOAQUIM – Não existe?

FRANCISCO – Irara nunca vi, mas a Onça-Maneta... *(acento musical; entra no fundo a ONÇA-MANETA, ora iluminada, ora escondida, ora como sombra no lençol; as luzes piscam sobre ela; o seu ronco é feito pelo tambor-onça)* Essa eu já vi.

JOAQUIM – A Onça-Maneta... *(acento musical e ronco da onça)* Não assusta ninguém.

DOMINGOS – Essa eu também já vi.

JOAQUIM – Eu não só vi, mas encarei a Onça-Maneta. *(acento musical e ronco)*

FRANCISCO – O quê? Matou o bichano?

JOAQUIM – Não, me escapuliu na hora. Só assustei.

DOMINGOS *(rindo)* – Não conta vantagens.

JOAQUIM – Tá bom... Pra não dizer que estou inventando coisa, o rastro da Onça-Maneta... *(acento musical e ronco)* Eu vi. O rastro dela eu juro que vi. *(a onça se movimenta no fundo; luzes sobre ela)*

FRANCISCO – O rastro dela é fácil de ver porque fica a marca das três patas por onde ela passa. *(a onça aparece e fica imóvel como sombra, atrás do lençol)*

DOMINGOS – Perdeu uma das patas da frente não sei como e parece que ficou mais forte, mais arisca, sempre faminta e sedenta, ataca chiqueiro, galinheiro, o gado.

FRANCISCO – Mas ela não é tão malvada nem é grande e nem se transforma em flor, bicho, cachoeira ou outra coisa da mata. A Onça-Maneta... *(acento musical)* É onça. Só onça. *(a onça sai fazendo barulho e roncando; os três se levantam)*

DOMINGOS *(assustado)* – Ouviu o ronco da fera, Chico? *(os três se agacham)*

FRANCISCO – É tangará. *(misterioso)* Ou é o grito do Pé-de-Garrafa... *(acento musical e gritos; aparece a figura do PÉ-DE-GARRAFA no fundo; as luzes piscam nele)*

JOAQUIM – Faz muito tempo que não vejo a pegada redonda dele por aqui.

DOMINGOS – O Pé-de-Garrafa? *(acento musical)* Tem um grito medonho, aparece nos quintais, desorienta os caçadores na mata e deixa uma pegada que não é pé de gente, nem garra ou pata de bicho e é igual ao fundo de uma garrafa...

FRANCISCO – Cruz-credo, ave Maria! Desde criança tenho medo do Pé-de-Garrafa... *(acento musical; a figura se movimenta como sombra e grita)* É um homem cheio de cabelo pelo corpo e com uma perna só, a perna esquerda.

JOAQUIM – Ninguém sabe se grita porque está amedrontado e faminto... Ou se mata gente e bicho pra comer. Diz que outro dia viram um homem cabeludo de uma perna só com... *(interrompe; a figura sai gritando; os três se assustam, correm de um lado ao outro e param juntos no meio do quintal, trêmulos)*

FRANCISCO – É melhor parar com a brincadeira...

DOMINGOS – Acho bom mesmo...

JOAQUIM – Tão com medo? Medo de quê? Parece criança...

DOMINGOS – Medo? E eu sou lá homem de ter medo de assombração?

JOAQUIM *(zomba de Francisco)* – Olha o monstro Gorjala... *(acento musical)* Montado no porco grande... *(ri, imitando o bicho, montando nas costas de Domingos; os dois brincam; depois Domingos acaba a brincadeira e fala)*

DOMINGOS – O monstro que morre pelo umbigo? Ou é pela boca?

JOAQUIM – O Gorjala... *(acento musical e um grito)* É um gigante medonho que quando vê alguém no seu caminho, mata e devora o sujeito a dentadas, comendo os olhos, os miolos, os braços, as pernas, as tripas, aos pouquinhos...

A música cresce. O gigante GORJALA entra lentamente, assustador e grande (ator com pernas de pau) com um homem/boneco debaixo do braço, com parte da cabeça e um dos antebraços comidos. As luzes vermelhas piscam sobre ele. O gigante grita, anda pelo palco, come pedaços do boneco e sai. Domingos, Francisco e Joaquim, assustados, se agacham num canto e tremem as luzes das lanternas em seus rostos.

DOMINGOS *(sussurra)* – Em noite cheia de barulho assim é melhor ficar quieto.

FRANCISCO *(baixinho)* – É bom mesmo não abusar das coisas do outro mundo. *(a música cessa; silêncio)*

DOMINGOS – Acho que agora a mata acalmou... *(muda de tom, desanimado)* – Ando cansado de tanto trabalhar. Não adianta mais arar a terra que ela não dá nada.

FRANCISCO – A terra secou... Nem passarinho aparece por aqui... Que desgraça é essa, compadre Domingos? Terra sem passarinho piando e cantando não é bom sinal de fartura. Isso sim é que parece coisa do outro mundo.

JOAQUIM – A gente roça, carpe, roça com as mãos e os pés até o fim do dia e nada...

DOMINGOS – Tem vez que roço até de noite, compadre Joaquim.

FRANCISCO – Lá em casa já falta açúcar e sal.

JOAQUIM – Meus meninos estão magrelinhos e até a farinha anda escassa.

DOMINGOS – Tem hora que penso em ir embora daqui... Ir pra cidade.

JOAQUIM – Eu também penso nisso e já falei com a Dita que uma hora dessas a gente risca o chão pra cidade.

DOMINGOS – Parece mesmo coisa do outro mundo. O céu não dá um sinal de chuva.

A terra já foi boa, mas desse jeito dá vontade de ir embora e nem olhar pra trás na hora da partida.

FRANCISCO – O que é isso, compadre Domingos? Deixar seu pedacinho de terra aqui pra ir morar onde na cidade? Você é homem da terra, do cultivo, tem a mão boa pra plantar e conhece tudo que é planta, fruto e remédio que brota do chão.

DOMINGOS – Nem o meu dom de lidar com a terra adianta mais, compadre Francisco. A terra secou, não chove faz muito tempo e o meu corpo já não aguenta mais tanto sacrifício e trabalho se a terra não dá mais nada.

FRANCISCO – É preciso paciência. Uma hora chove e a semente brota do chão.

JOAQUIM – Chover? Paciência? *(entra Dita, com um lampião, afobada e aos prantos; os três se assustam com ela)*

DITA *(a Joaquim)* – Corre direto pra casa, homem, que o Zequinha fraquejou e está todo mole na cama... *(chora)* Não aguento mais essa dureza da roça, Joaquim. Diz o que dou aos meninos quando pedem comida?

JOAQUIM – Calma, mulher. *(entra Isabel)*

ISABEL *(vê Dita chorando)* – Que aconteceu, comadre?

DITA – O Zequinha, Isabel, o piá anda tão fraco que dá dó do bichinho...

ISABEL – É fraqueza de falta do que comer. Vamos comigo que lá em casa tem um pouquinho de arroz e feijão pro menino. Se não fizesse as minhas costuras, comadre, nem sei como ia ser lá em casa. É um dinheirinho que dá pelo menos pra comprar o arroz, o feijão, o açúcar e o sal. O Domingos faz de tudo pra dar alguma coisa na terra, mas não dá nada. Se fosse depender disso... Vem, comadre, vamos pegar o arroz e o feijão lá em casa.

DITA – Como você é bondosa, comadre.

ISABEL – É gratidão e amizade, Dita. Quantas vezes o Joaquim ajuda o Domingos na roça e quantas vezes o Zequinha entrega encomenda de costura pra mim? Na vida a gente tem que ajudar o outro, principalmente em tempos de terra seca.

JOAQUIM – Obrigado, Isabel.

ISABEL – Que é isso, compadre? Vamos logo, Dita, preparar um chá fortificante e um bom prato de comida pro menino. *(as duas saem)*

DOMINGOS – Fique tranquilo, Joaquim, que a Isabel ajuda a Dita. Um chá de catuaba e um xarope de jurubeba e arroz e feijão resolvem a fraqueza do menino.

JOAQUIM – Eu vou junto, compadre. *(pega a foice e o facão)*

FRANCISCO – Eu vou com você, Joaquim, pra ajudar no que precisar. *(pega a enxada)* O trabalho foi duro e vou pra casa que amanhã começa tudo de novo.

DOMINGOS – Vou ficar por aqui mais um pouco.

JOAQUIM – Até logo, compadre, vou atrás da Dita e da Isabel pra ver o Zequinha. *(saindo com Francisco)* Mas que diacho esse piá cair de cama logo agora...

DOMINGO – Eu vou depois, compadre. *(pensativo)* O que eu posso fazer pra mudar essa secura da terra? Dói ver um homem como o Joaquim passando por isso. *(sonhador)* Se tivesse uma assombração ou um encantamento pra fazer a terra chover e dar o que comer. *(num sobressalto; eufórico)* Vou fazer promessa pros três Santos Reis. *(ajoelha e se benze)* Se não chover em dois meses arrumo as malas e vou embora com a mulher pra cidade. Se chover eu fico e agradeço a graça alcançada fazendo uma festa com fartura de comida, doce e bebida em casa pra receber a bandeira da Folia de Reis. Eu faço o presépio com o Menino Jesus, Maria, José, os três Reis Santos e os bichos. Prometo uma festa como nunca se viu pra saudar e agradecer os Santos Reis e o Menino Jesus pela chuva e os frutos. *(se benze; pausa; pega o machado pra ir embora; fala consigo)* Pronto, está feita a promessa... Amanhã arrumo um jeito de puxar o resto de água do poço lá de cima. Vai ser muito trabalho... *(vai sair e se detém)*

Começa um vento forte. A música VENTO, bumba-meu-boi (boi-de-orquestra, com flauta, violão, bombo, “pandeirões”, tambor-onça e maracás) começa lentíssima e cresce à medida que o vento cresce. As luzes vão e voltam com o vento, feito com

sons de flauta e assobios. Domingos fica parado no meio do roçado e um redemoinho de folhas (papéis picados verdes e amarelos jogados de cima ou da coxia) ganha corpo e movimento. No redemoinho surge o MENINO/PIÁ com cabelos da cor da noite, o corpo pintado de onça malhada, um colar de olho-de-cabra, penas, carregando cabaças e tocando o maracá. Entram os FOLIÕES do bumba-meu-boi tocando e dançando em roda, seguindo o piá, que toca o maracá, canta e dança em volta de Domingos. Os foliões repetem os cantos do menino.

MENINO/PIÁ (*toca, dança e canta*) – Eu vim aqui porque queria ver

A terra te dar o que comer. (*bis; todos*)

Meu espírito é novo, sou da terra, do fogo,

Da madeira, da água e do ar,

Sou da festa, da mata que dança.

Eu ordeno, homem, aqui agora já!

Sem dó e sem chorar, derrube o jequitibá!

No seu oco há uma onça,

Risca a faca e abra a sua pança

Para ver o que é que há! (*bis; todos*)

De comer a terra não vai te dar,

Se não derrubar o jequitibá.

Eu sou espírito piá,

Ouve, homem, o meu maracá! (*bis; todos*)

DOMINGOS – Uma onça no oco do jequitibá? Ver o que é que há na pança da onça?

O bumba-meu-boi cresce, vibrante, e o espírito do menino canta, dança, rodopia e saúda o homem no sem-fim da noite.

DOMINGOS *(no meio da roda, tenta falar)* – Ei, piá! Pode parar o seu maracá pra me dizer o que há. Você é assombração? É sonho? O que devo fazer? *(o piá dá três apitos longos, a música é interrompida e os foliões param num gesto)*

PIÁ – Eh, homem, você acredita na Onça-Maneta, mas não consegue ver a força da natureza? Se não pegou o aviso do espírito menino piá, o sinal da terra, nesse momento, aqui agora já, nunca mais vai pegar. Silêncio, homem, e escuta outra vez o sinal do meu maracá. *(dá dois apitos e a música volta)*

De comer a terra não vai te dar,
Se não derrubar o jequitibá.
Eu sou espírito piá,
Ouve, homem, o meu maracá! *(bis)*

Todos dançam e cantam em volta de Domingos. Depois, o piá sai cantando e tocando o maracá, seguido pelos brincantes do bumba-meu-boi, que saem levando o pano azul transparente da noite no alto, sobre suas cabeças. As luzes fecham lentamente, à medida que eles saem. Domingos fica sozinho e a toada continua, instrumental.

DOMINGOS *(admirado)* – O que foi isso? O espírito da floresta. Derrubar o jequitibá? Riscar a faca na pança da onça pra ver o que é que há... *(pausa; ri)* Se eu contar do espírito da floresta e do que aconteceu agora comigo parte por parte, em cada detalhe, ninguém vai acreditar. Vão dizer que é mentira e exagero. Vou ser motivo de gozação se contar do espírito piá da floresta. *(suspira, cansado)* É melhor ir pra casa que o dia foi duro e ver o espírito piá assim, sem mais nem menos, me deu um desassossego. *(pega a enxada e sai cantarolando a toada)*

A toada do bumba-meu-boi continua, instrumental, e faz a passagem para o próximo ato.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

A música continua e os sons do maracá, dos pandeirões e do tambor-onça misturam-se aos pios e sons do amanhecer e somem. As luzes abrem de manhã no roçado e destacam o jequitibá no fundo. Domingos entra com um machado.

DOMINGOS (*decidido*) – Pensei, pensei a noite toda no acontecido e vou obedecer ao espírito do piá. Trabalho o dia inteiro com o machado até derrubar o jequitibá.

O samba-de-roda OCO começa, cantado e tocado pelos músicos com pratos, garfos, colheres e frigideiras, primeiro em ritmo lento, depois acelerado. Domingos bate o machado no pé do jequitibá no ritmo do samba, com gestos marcados e compassados.

No oco do jequitibá,

O que há?

No oco o que há?

Há onça lá?

Se há onça lá,

Na pança da onça o que há? (*bis*)

O que há

No oco do tronco do jequitibá?

No oco do tronco o que há?

Há onça no oco do tronco?

Na pança da onça do oco do tronco do jequitibá

O que há? (*bis*)

A música continua, instrumental. Domingos tenta derrubar o jequitibá com o machado e conversa consigo mesmo, com o samba pulsando baixinho.

DOMINGOS – Na minha luta com a terra, nunca pensei que um dia fosse derrubar o jequitibá. *(larga um pouco o machado, cansado)* Que sacrifício fazer isso. Tenho que pensar na fartura. Se o espírito do piá disse pra derrubar... *(continua com o machado no jequitibá; cantarola, no ritmo do samba)* Ai, ai, ai, meu jequitibá. De ti vou sentir saudade, vou chorar... Ai, ai, ai, onde canta o sabiá? Canta no jequitibá, ai, ai, ai... *(descansa, ofegante)* Tronco duro... Vou descansar um pouco e depois continuo. O tronco é duro, mas já vai abrir.

O samba cresce, as luzes fecham aos poucos, anunciando a noite. Domingos encosta o machado, deita no chão, escorado num caixote, e adormece. Entram dois ESPECTROS vestidos de preto, com estrelas reluzentes em suas roupas, trazendo a noite, o grande pano azul transparente com estrelas, o colocam no fundo e saem.

DOMINGOS *(levanta, num sobressalto)* – Não consigo pregar os olhos no sono direito. É melhor voltar com o machado. *(pega o machado e se assusta)* O jequitibá continua do jeito que estava! *(o samba cessa)* Nem parece que dei com o machado nele o dia inteiro. O tronco fechou. Só pode ser sonho. *(toca o rosto e o machado)* Não, não é sonho. Amanhã junto todo mundo e derrubamos o jequitibá. *(ameaça sair e vê Joaquim e Francisco entrando com lanternas; as luzes fecham e as lanternas iluminam os três)* O que aconteceu? Uma hora dessas aqui?

JOAQUIM – Ouvi um barulho e chamei o Francisco pra ver o que era.

FRANCISCO - Que barulheira é essa que parece barulho de machado? *(vê o machado)* Então é você?

JOAQUIM *(olha em volta)* – Mas não estou vendo nenhuma árvore ou galho caído. *(olha o jequitibá)* O jequitibá aqui, a mangueira, o carvalho e o ipê mais acolá...

FRANCISCO – O que está acontecendo aqui, compadre Dominginhos?

DOMINGOS – Olha, eu vou contar, mas vocês não vão acreditar.

JOAQUIM – Como sabe que não vamos acreditar se não contar?

FRANCISCO – Somos amigos ou não? Não tem porque duvidar da gente.

DOMINGOS – Eu conto se prometerem não perguntar nada e só escutar. Depois vocês resolvem se acreditam ou não.

JOAQUIM – Pode começar.

FRANCISCO (*ansioso*) – Sem perguntas. Então conta logo, compadre, que isso já está me dando uma agonia. (*desligam as lanternas e as luzes abrem um pouco*)

DOMINGOS (*conta e gesticula*) – Naquela noite que a Dita veio chamar o Joaquim pra acudir o Zequinha... Quando vocês foram embora, fiquei sozinho, lembra? Pois então, tava me preparando pra ir embora quando um redemoinho de folhas começou a agitar o quintal num alvoroço danado. De repente, no meio do redemoinho, assim, de uma hora pra outra, aparece um menino, um piá pintado de onça malhada tocando maracá. (*os dois se impressionam*) O piá cantava e dançava uma música que dizia pra derrubar o jequitibá.

JOAQUIM (*agitado*) – O jequitibá? Só pode ser espírito de coisa ruim disfarçado de menino pra falar uma coisa dessas. Você deve ter sonhado com isso ou um espírito de má qualidade baixou aí no seu “cavalo”. (*ri*).

FRANCISCO (*sério*) – O jequitibá tem história, foi plantado pelos nossos avós. Derrubar o jequitibá por quê?

JOAQUIM – Já falei que é espírito de coisa ruim que quer tombar o jequitibá. É alma penada de baixa categoria que anda rondando você, Domingos.

DOMINGOS (*desanimado*) – Eu sabia que não iam acreditar... Já que tá que fique. Não falo mais nada e vou trabalhar sozinho na derrubada do jequitibá.

JOAQUIM – Também não é assim, Domingos.

FRANCISCO – Conta mais um pouco do acontecido.

DOMINGOS – Conto, mas não perguntem ou desacreditem no que eu digo. Não tem nada de alma penada de má qualidade que baixou no meu “cavalo”, Joaquim.

Eu vi com esses olhos que Deus me deu o menino pintado de onça malhada no redemoinho de folhas cantando e tocando maracá, dizendo pra derrubar o jequitibá. Ele dizia cantando assim... *(vacila)* Espera. Ah, lembrei. *(canta sozinho a toada do bumba-meu-boi, acompanhado com palmas e tambor-onça, suave)*

Eu vim aqui porque queria ver
A terra te dar o que comer. *(bis)*

Meu espírito é novo,
É da festa, da mata que dança.
Sem dó e sem chorar,
Derrube o jequitibá!
No seu oco há uma onça,
Risca a faca e abra a sua pança!
De comer a terra não vai te dar,
Se não derrubar o jequitibá.
Ouve, homem, o meu maracá! *(bis)*

(fala) – Era assim que o menino cantava com seu maracá. Não sei o que faço, mas uma coisa eu tenho certeza...

JOAQUIM *(interrompe)* – Uma onça no oco do jequitibá? Como? *(olham o jequitibá)*

Será que a onça sai pra beber água e volta? Como ela entra e sai do oco?

FRANCISCO *(misterioso)* – É verdade que uma onça mora no tronco do jequitibá?

DOMINGOS – Se é verdade ou não é, nunca vi a onça. O piá disse que a terra só dá o que comer se derrubar o jequitibá e abrir a pança da onça pra ver o que há.

JOAQUIM *(curioso)* – O que deve ter na pança da onça?

FRANCISCO *(pensativo)* – Onça come de tudo, até gente, então, se onça come gente e come outros bichos, o que tem na pança da onça é cabeça de criança...

DOMINGOS (*interrompe*) – É bom parar de pensar besteira e agir. Quero saber de uma coisa. Vocês me ajudam ou não a tombar o jequitibá no chão pra ver se tem no oco a tal onça que o menino falou?

JOAQUIM (*vacila*) – Sei não. (*pensa alto*) Se não derrubar não dá pra ver se a onça vive lá. O que há na pança... (*interrompe*) Eu ajudo, compadre. Não resisto de curiosidade e depois se não tiver onça lá, a gente planta outro jequitibá.

FRANCISCO (*aborrecido*) – E pede desculpas aos nossos antepassados pela desgraça de derrubar o jequitibá que eles plantaram? Domingos, acredito em você, mas preciso pensar mais um pouco.

DOMINGOS (*paciente*) – Pois pense o tempo que quiser, Francisco, eu espero.

FRANCISCO – Quero que me convença a tombar o... (*interrompe*) Tem razão numa coisa, a terra não dá o que comer. Ninguém aguenta mais a falta de chuva e de comida no prato. (*olha os dois; decidido*) Alguma coisa tem que ser feita pra acabar com isso e se o jeito for derrubar o jequitibá, que assim seja, amém. Eu também ajudo, compadre Dominginhos.

DOMINGOS (*feliz*) – Então vamos começar agora a derrubar o jequitibá...

Começa o samba TEM ONÇA NO JEQUITIBÁ, lentíssimo, com cuíca, tambor-onça e surdo na marcação. Os três pegam os machados e começam a derrubada do jequitibá. Os movimentos e gestos com os machados batendo no pé do jequitibá são sincronizados com a música. Há um jogo corporal entre os três, uma dança vibrante e os machados são usados como percussão. O samba cresce e acelera aos poucos, à medida que batem os machados. Os três intensificam os movimentos, acompanhados pela música, até que a terra treme, o jequitibá tomba e faz um estrondo. O samba cessa, dramático e contundente, com o tombo da árvore e os três ficam estáticos. Silêncio.

DOMINGOS (*parado, baixinho*) – Espera um pouco.

Ouve-se um eco do oco do jequitibá, como uma onça ronronando e gemendo, feito pela cuíca e o tambor-onça. Os três se assustam e se escondem. Sai do oco do jequitibá a ONÇA MALHADA gigante (personagem/boneco/objeto), que ronca e anda lentamente no meio do roçado. Os três ficam semi-escondidos. A onça ronca furiosa.

DOMINGOS (*sussurra*) – Joaquim! Pega o facão. Você também, Francisco. Vamos atacar cada um de um lado pra desorientar o bicho. (*a onça ronca*)

JOAQUIM (*baixinho*) – Na pança dela.

FRANCISCO – Isso. Na pança.

DOMINGOS – Os três atacam direto na pança da onça. É dar a facada, torcer o facão, tirar, correr e se esconder. Quando eu der o sinal... (*outro ronco da onça*)

JOAQUIM (*se benze, tremendo*) – Ai, minha Santa Rita Apolinária Imaculada das Dores de Jesus Crucificado.

FRANCISCO (*se benze*) – Ai, meu Deuzinho do céu. (*a onça ronca; com medo*) Peço sua bênção, meu Santo Irineu Antônio dos Anjos Benditos do Santo e Pio Sacramento de Jesus Menino da Folia dos Reis Santos.

DOMINGOS (*decidido e nervoso*) – Chega de tanta reza. Parece frouxo. Ô Joaquim! Não foi você que disse que enfrentou a Onça-Maneta?

JOAQUIM (*tremendo*) – Eu disse que vi o rastro dela. E a Onça-Maneta na frente dessa onça aí é um carrapato. (*a onça ronca*)

FRANCISCO (*com a voz fina, de medo*) – Ô Domingos! Não é melhor recuar e pensar melhor?

DOMINGO – Que nada. Não é hora de afrouxar.

FRANCISCO (*com a voz normal, decidido*) – Então vamos logo acabar com essa agonia, pelo amor do meu Santo Irineu Antônio dos Anjos...

DOMINGOS (*interrompe*) – Ô Chico, não precisa dizer o nome completo do santo. (*a onça ronca*) Preparados? Olha o sinal. Atenção. (*acento musical*) Agora!

Começa PANÇA, *maracatu, em ritmo crescente, primeiro, lento, depois médio e acelerado, de acordo com as ações dos atores. A luta com a onça é um jogo corporal com movimentos lentos e marcados, em que eles atacam, ao mesmo tempo, a pança da onça com os facões e se afastam. A onça cai aos poucos no chão, gemendo de dor. A música cresce e cessa quando a onça cai. Os três se juntam num canto e veem sair do estômago da onça sementes de legumes, frutas, milho, linhaça e outros grãos. As sementes e os grãos saem da pança da onça e ela foge gemendo de dor, mas ainda viva. Cai uma chuva fina, feita com papéis prateados picados. Silêncio.*

DOMINGOS (*maravilhado*) – Olha quanta semente! Tem grão de tudo que é jeito!

JOAQUIM (*fascinado*) – Nunca vi tanta semente. A chuva!

FRANCISCO (*feliz*) – É verdade o que o menino disse, compadre Dominginhos!
(*brinca com a chuva*) Olha a chuva! Não vai passar!

JOAQUIM (*cantarola, feliz*) – Derruba o jequitibá e risca a pança da onça...

DOMINGOS (*abraça os dois*) – Obrigado, amigos, por acreditarem em mim. Agora tem fartura... (*cai mais um pouco de chuva; suspira*) O cheiro da terra molhada...
(*silêncio; sussurra*) Vocês estão ouvindo um som vindo de muito longe?

Ouve-se o canto distante do espírito do menino/piá e os três escutam soltando faíscas de felicidade pelos olhos cansados e agradecidos. O menino canta e se ouve de longe o seu maracá e o tambor-onça na marcação.

Agora a terra te dá de comer.

Sou piá, sou piá,

Os homens têm que me obedecer! (*bis*)

Os três escutam e brincam com a música, que some quando Isabel e Dita entram correndo, molhadas de chuva e veem as sementes e os grãos.

ISABEL – A chuva, Domingos! A chuva! E essas sementes e grãos? O que é isso?

DITA – É dádiva de Deus e de Nossa Senhora.

DOMINGOS (*abraça a mulher*) – Foi o espírito do piá da floresta, mulher!

ISABEL – Lá vem você com prosa de novo.

DOMINGOS – Não é prosa não. Pergunte ao Joaquim e ao Francisco se não foi o espírito do piá. (*Joaquim e Francisco contam e gesticulam empolgados*)

JOAQUIM – O espírito do menino disse pro Domingos derrubar o jequitibá.

FRANCISCO – Que no oco do jequitibá tinha uma onça...

JOAQUIM – Com sementes e grãos na pança.

FRANCISCO – Daí, nós ferimos a pança da onça com os facões...

JOAQUIM – Lutamos com a onça gigante e ela fugiu...

FRANCISCO – Deixando um rastro de sangue. A pança da onça ficou vazia, porque caíram os grãos e as sementes.

JOAQUIM – Não deve ter morrido porque era uma onça forte, gigante.

FRANCISCO – As facadas na pança devem ter doído, mas o bicho é forte.

JOAQUIM – Onça forte tem sustança e não morre assim.

ISABEL (*rindo*) – É tanta prosa desses homens.

DITA (*zomba*) – Estão dizendo que lutaram com a onça...

ISABEL (*interrompe*) – Onça “gigante”, comadre, onça “gigante”! (*brinca*)

DITA – Onça “gigante” e ainda abriram a pança dela com facão e saiu um monte de sementes e grãos? (*as duas riem*)

JOAQUIM (*sério*) – É isso mesmo mulher. E não é prosa não. É fato.

ISABEL (*desafia*) – Pois eu acho que é fita.

DOMINGOS – É fato.

DITA – É fita ou é fato?

JOAQUIM – Já disse que é fato.

DOMINGOS – Foi um feito.

ISABEL (*rindo*) – Pronto, já começou o exagero.

DOMINGOS (*sério; conta e gesticula*) – As duas acreditem ou não no feito, mas o fato é que nós derrubamos o jequitibá, a onça pulou do tronco, nós atacamos a pança da onça, saíram as sementes e os grãos, a onça fugiu e começou a chover. Quando chegaram, o espírito do piá ainda estava cantando.

ISABEL – Tá bom, homem, não precisa dizer mais nada. Acredito em tudo que disseram. Só não acredito que era uma onça “gigante”, não é compadre Joaquim e compadre Francisco? (*zomba*) Não precisa exagerar no tamanho da onça. Devia ser uma oncinha que devia estar maneta ou perneteta. (*ri com Dita*)

JOAQUIM – Se não quiser acreditar não acredita. Que era uma onça brava, isso era. Não era, compadre Domingos?

DOMINGOS – Ah, era brava e forte a bichana. Tanto é que ainda tava ferida e conseguiu fugir.

FRANCISCO – Nessa hora deve estar se refrescando e se curando na beira de um rio ou numa toca na mata do Tombador. Diz que a lambida dela cura ferida.

DOMINGOS – Chega de prosa e aventura por hoje. Vou dizer uma coisa a vocês. Pra agradecer a graça alcançada com a chegada da chuva e das sementes e grãos, vou cumprir a promessa feita aos três Santos Reis, de receber a Folia de Reis e a sua bandeira na minha casa em janeiro com fartura de comida. Promessa feita, promessa cumprida. Vou receber a bandeira da Folia de Reis em casa dia 6 de janeiro. (*todos comemoram e se abraçam; cai mais um pouco de chuva*)

ISABEL – Então, vamos recolher as sementes e os grãos e levar pra casa. Essa chuvinha vai deixar a terra no jeitinho pra plantar logo de manhãzinha.

DOMINGOS – Avisem a todo mundo da Folia de Reis na minha casa em janeiro.

TODOS (*rindo*) – Salve a terra molhada! Salve 6 de janeiro, dia da Folia de Reis do compadre Domingos! Assim seja!

Todos recolhem as sementes e os grãos e saem felizes num alvoroço. Entram Bento Cravo, violão, e Dito Bravo, viola, com roupas brancas, detalhes vermelhos e chapéus de festa, tocando o baião RIBALTA, instrumental. A luz abre sobre eles.

DITO BRAVO (*na pulsação do baião*) – Na roda dança da vida foi tudo assim, sem tirar nem pôr.

BENTO CRAVO – Na dança da roda viva do mundo foi tudo assim, talqualmente vó Caçula contou.

DITO BRAVO – E cumprindo a promessa de Domingos...

BENTO CRAVO – Hoje é dia 6 de janeiro!

DITO BRAVO – Dia de Folia de Reis! (*fecham o repente instrumental*)

BENTO CRAVO – A roda do tempo girou um ano inteiro e o que começou em poesia...

DITO BRAVO – Vai acabar em folia no terreiro!

As luzes abrem no roçado, que agora está com frutos. Bento e Dito começam a FOLIA DE REIS DA VILA DE DEUS MENINO. Com roupas brancas e fitas vermelhas nos bolsos das camisas, os FOLIÕES entram cantando e evoluindo em caracol. O FESTEIRO antigo usa uma coroa de prata e traz a bandeira com os dizeres: “Salve os Reis Magos Baltazar, Gaspar e Belchior e o nascimento do Menino Jesus”. Abaixo, as pinturas dos Reis atrás de José e Maria com Jesus no colo e do palhaço. Pregados na bandeira, fotografias, santinhos, ramos de trigo, louro e alecrim e notas de dinheiro, objetos de promessas e esmolas. O PALHAÇO Pinga-Fogo, de vermelho, usa máscara e anima a casa. A música é dividida em quatro movimentos: cantos de saudação, de adoração do Menino Jesus na lapinha, canto do palhaço e canto de despedida. Domingos, Isabel, Joaquim, Dita e Francisco entram com o presépio, solenes, em

movimentos lentos e marcados, e o colocam no centro do palco. Depois, jogam flores de papel e papel picado nos foliões. O mestre da Folia, Bento Cravo, canta na primeira voz e Dito Bravo na segunda voz, nas respostas, e todos repetem.

BENTO CRAVO – Ai, ó que casa bendita,

Toda enfeitada de fita,

Pra cumprir promessa,

A Folia essa casa visita. *(bis; todos)*

Ai, a jornada dos Reis Santos

Traz a sua bandeira

Pra casa do festeiro Domingos

E Isabel, a festeira. *(bis)*

Os Santos Reis vieram de longe

Com presentes e alegria,

Pra saudar o Jesus Menino,

No colo da Virgem Maria. *(bis)*

Os Santos Reis aqui chegaram

Pela estrela da anunciação,

A Folia pede à dona da casa,

Licença pra coroação. *(bis)*

A música continua, instrumental. O mestre tira a coroa da cabeça do festeiro antigo e coroa Domingos, o festeiro novo. Todos vibram. Domingos tira a coroa, põe na cabeça de Isabel e a abraça. Todos dão vivas e aplaudem. O palhaço pega a coroa, brinca e devolve para Isabel. Depois, o festeiro antigo passa o “galho”, um ramo de flores artificiais, para Domingos. O palhaço pega o galho, brinca e devolve a Domingos.

FESTEIRO ANTIGO (*canta*) – Agradeço a Deus e a todo mundo

Que ajudou nessa Folia.

Adeus coroa e galho,

Até um outro dia. (*todos repetem*)

BENTO CRAVO – Os Santos Reis viajaram

Seguindo a estrela de Belém, aii. (*grito longo dos “requinteiros”; todos*)

A Folia vê agora

O Menino que os Reis querem bem, ai. (*grito longo; todos*)

(o grito longo dos “requinteiros” é o som agudo que prolonga o fim das frases cantadas)

Os Reis estão nessa casa,

Pra fazer a adoração, ai. (*grito longo; todos*)

Do Menino Jesus no presépio,

Pra sua louvação, aii. (*grito longo; todos*)

Os foliões ficam em volta do presépio com o Menino Jesus. Luzes vermelhas e azuis abrem sobre o presépio. O mestre puxa a cantoria de adoração.

BENTO CRAVO – Os Reis saúdam a lapinha,

O berço do Menino adorado, ai. (*grito longo; todos*)

Vamos cantar foliões

Pro Filho de Deus consagrado, ai. (*grito longo; todos*)

Salve o Deus Menino,

Viva a nossa cantoria, ai. (*grito longo; todos*)

Vamos agora ajoelhar

Diante do Filho de Deus e da Virgem Maria, ai.

(grito longo; todos ajoelham e se benzem)

Os Reis Magos andam pelo mundo,

A Folia anda também, ai. *(grito longo; todos)*

Pra louvar o Menino Jesus

Com a graça de Deus, amém, ai. *(grito longo; todos)*

Salve os Três Santos Reis!

Viva o Menino, Maria e José, ai. *(grito longo; todos)*

Fizemos essa adoração

Com muita alegria e fé, ai. *(grito longo; todos)*

(o palhaço interrompe a Folia e o mestre decide parar a cantoria; alvoroço geral)

BENTO CRAVO *(canta, sem instrumentos)* – Vamos parar a Folia!

Pinga-Fogo chegou sua hora, ai. *(grito longo; todos)*

Ajoelha e peça ao Filho de Deus

O seu perdão agora, ai. *(grito longo; todos)*

O palhaço se ajoelha, tira a máscara, beija os pés do Menino Jesus e reza baixinho, com fervor. Todos vibram. O mestre reinicia a cantoria com os instrumentos e o palhaço continua ajoelhado.

BENTO CRAVO – Olha o palhaço Pinga-Fogo,

Pedindo a Jesus o perdão, ai. *(grito longo)*

Ao Menino ele maldizia

E agora jura devoção, ai. *(grito longo; todos)*

Deixa de prosa, palhaço,

Chega de reza e oração, ai. *(grito longo)*

Você já está perdoado,

Acabou a adoração, ai. *(grito longo; todos)*

É chegada a hora
De findar nossa Folia, ai. *(grito longo)*
Que Jesus, os Reis, Maria e José
Abençoem a nossa família, ai. *(grito longo; todos)*

Meus queridos foliões,
Vamos embora com fé, ai. *(grito longo)*
Até o próximo ano,
Se o bom Deus assim quiser, ai. *(grito longo; todos)*

Domingos cumpriu a promessa,
Cada um segue seu destino, ai. *(grito longo)*
Nessa casa da festa e da entrega,
Fica a bandeira do Deus Menino, ai. *(grito longo; todos)*

A bandeira é entregue a Domingos. A música acaba e termina a jornada dos Três Santos Reis. Todos dão vivas e Domingos discursa. Luz vertical sobre ele com a bandeira.

DOMINGOS *(beija a bandeira)* – Todos conhecem os milagres e as glórias dos Três Santos Reis! No meu coração, Baltazar, Gaspar e Belchior são santos de verdade e a eles dou muito valor e gratidão. Os Santos Reis e o Menino Jesus ouviram minhas orações e trouxeram fartura pra nossa terra! Prometo honrar a bandeira da Folia de Reis da Vila de Deus Menino. *(ergue a bandeira; todos levantam as mãos)* Que as vossas preces e as minhas orações sejam atendidas! Benditos são os nossos desejos porque eles são realizados! Assim seja!

TODOS – Assim seja! *(dão vivas e se abraçam)*

Antes de ser colocada junto ao presépio, a bandeira é beijada pelos foliões, que passam a bandeira sobre as cabeças. Os músicos tocam outros ritmos (lundu, coco, baião, catira, cateretê, jongo, samba ou maxixe) para animar a festa. Sempre há casais dançando ou uma roda de dança, conforme o ritmo. Depois de tocar os outros ritmos, Bento Cravo e Dito Bravo tocam FOLIA DA TERRA, xote, primeiro instrumental.

BENTO CRAVO – Não sei se é fato ou se é fita. Só sei que é por essa feita...

DITO BRAVO – Que hoje em dia, os espíritos da mata virgem ficam zangados com quem maltrata a terra e eles ajudam quem dela cuida.

BENTO CRAVO – Desde aquele tempo, todos escolheram a Folia de Reis, a época do nascimento de Jesus e das chuvas de verão para festejar o acontecido.

DITO BRAVO – É tanta dança, tanto doce. Até nós fomos lá uma vez e nos metemos na fuzarca. Dançamos, comemos tapioca. Aquilo é que foi festa, não é, Bento?!

BENTO CRAVO – Só acabou no sétimo dia.

DITO BRAVO – Nós estivemos lá na Folia de Reis do espírito do piá e trouxemos um boião de doces pra vocês, mas no beco da Matriz, perto da ladeira do Tremembé, o Bento deu uma queda, quebrou o nariz e pimba! Torceu o pé.

BENTO CRAVO – Mas não quebrei a cabeça e vou cantar pra vocês a música da festa, antes que me esqueça. *(canta o xote com Dito Bravo)*

Chegou a hora da folia da terra,
Da água, do fogo e do ar.
No verão, outono, inverno e primavera,
A mata dança e plantando tudo dá. *(bis; todos)*

Caiu, caiu, caiu o jequitibá,
Caiu, tombou, caiu,
Quem mandou foi o piá! *(bis)*

No mato, morena, tem pau-pereira,
Tem umbuzeiro, tem manga, caqui e cajá,
Tem goiaba, jerimum, macaxeira,
Também tem batuque e maracá.
Só não tem a morena rosa,
Faceira e prosa,
E a flor de laranjeira
Que eu já mandei buscar. (bis)

Todos cantam, dançam e evoluem pelo espaço. A música cresce e depois cessa, num breque marcado e os atores param num gesto, fixando uma imagem final da Folia de Reis para o público. Luzes verticais abrem sobre os foliões, que ficam imóveis e mudam suas expressões faciais, lentamente, passando da máscara neutra para a máscara trágica e a máscara cômica. A luz fecha aos poucos, acompanhando a mudança de expressões faciais dos foliões até a máscara cômica final. Escuridão.

FIM

FOLIA DA TERRA

Luiz Carlos Laranjeiras

(Luís Carlos Ribeiro dos Santos)

48 99854 8558 – 11 95218 7346 – 61 99804 3868

luizclaranjeiras@gmail.com – lcsantosreis@hotmail.com

thiagomairum@hotmail.com – thiagomairum@yahoo.com.br

Thiago Arruda “Mairum” Ribeiro dos Santos (filho do autor)

48 99673 1772 – 48 99125 0134

1º lugar – Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2008

Concurso Nacional CEPETIN de Dramaturgia
CEPETIN – Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil – RJ
2008